



© Mar Babo

David Machado – Portugal

Índice Médio de Felicidade (2013)

Average Happiness Index

Publishing House **Dom Quixote**

Biography

David Machado was born in Lisbon in 1978. He has a degree in economics from ISEG, Lisbon's School of Economics and Management, but soon devoted himself to writing fiction and children's literature.

In 2005, he was awarded the Branquinho da Fonseca Prize for his children's book *A Noite dos Animais Inventados* and, in 2010, he was awarded the SPA/RTP Author Prize, in the category for Best Children and Youth book, for *O Tubarão na Banheira*.

He is the author of the short story collection *Histórias Possíveis* and the novels *O Fabuloso Teatro do Gigante*, *Deixem Falar as Pedras* and *Índice Médio de Felicidade*, as well as the children's books *Os Quatro Comandantes da Cama Voadora*, *Um Homem Verde num Buraco Muito Fundo*, *A Mala Assombrada*, *Parece Um Pássaro* and *Acho Que Posso Ajudar*. He has contributed work to the literary collections *A Misteriosa Mulher da Ópera*, *Contos de Verão* and *O Segredo*, and has published short stories in Portuguese and foreign newspapers and magazines.

Synopsis

Daniel had a plan, a sort of journal of the future, written in a notebook. Sometimes he went back to rectify small things, but still, life seemed pretty easy – and happiness too. But, all of a sudden, everything changed for the worse: Portugal collapsed and Daniel lost his job. He couldn't afford to pay the mortgage for his house any more. His wife, also unemployed, left with his children, searching for better opportunities. His two best friends are absent: one, Xavier, has been locked inside his house for 12 years, obsessed with statistics and deeply depressed by the fact that the mutual aid website they created has proved a complete failure; the other one, Almodóvar, was arrested in a desperate attempt to mend his life. When thinking of his children and of Almodóvar's child, Daniel tries to understand what kind of hope is left for future generations. And he doesn't want to give up. In spite of the wreck that his life becomes, his will to rebuild everything seems unshakable. Because the Present is meaningless, if we don't anticipate a Future.

Índice Médio de Felicidade

David Machado

Fizemos alguma coisa mal, disse.

O que é que fizemos mal?

O *site*, disse ele. O *site* não está a resultar.

Acreditas? O gajo continuava às voltas com o *site*. Tu já não andavas por cá há cerca de meio ano e o Xavier continuava preocupado com a merda do *site*. Porque tu lhe meteste isso na cabeça. Não te calaste com a história do *site* durante meses, era uma ideia infalível, íamos vender o negócio um ano depois com 10 000% de lucro, pagávamos as prestações ao banco, a educação dos filhos, uma vida mais desafogada, o filme todo; e íamos estar a fazer uma coisa boa, íamos ajudar as pessoas. Ouvi-te falar daquilo tantas vezes. Eu próprio comecei a acreditar também. Parecia uma grande ideia. Para ser sincero, ainda me parece uma grande ideia. Mas a verdade é que eu e tu metemos lá dinheiro, dinheiro que agora me faz falta, dinheiro que talvez te tivesse impedido de fazeres o que fizeste, e nunca mais vimos esse dinheiro. E o Xavier teve aquele trabalho todo a programar o *site*, semanas sem dormir, e quando finalmente ficou pronto não aconteceu nada, os meses passaram e continuava sem acontecer nada. Ele tinha razão: o *site* não estava a resultar. Só que, enquanto para mim há muito tempo isso deixara de ser importante, quase um ano depois o Xavier continuava às voltas com aquilo.

Eu não queria ter aquela conversa inútil, mas procurei ser paciente.

O que é que queres fazer?, perguntei-lhe. Não podemos meter mais dinheiro.

Ele fechou um pouco o ecrã do portátil e a sua cara encheu-se de sombras. Disse:

Há pessoas a usarem o *site*. o problema é que nenhuma dessas pessoas precisa de ajuda.

Resumindo, o enunciado do problema era este: nós criámos uma rede social através da qual pessoas que precisam de ajuda e pessoas que estão dispostas a ajudar podem encontrar-se; durante os primeiros onze meses em que o *site* esteve no ar, inscreveram-se vinte e seis pessoas; dessas vinte e seis, há catorze que nunca escreveram nada, quatro que escrevem regularmente explicando que precisam de ajuda para bater punhetas, limpar o cu, cortar as unhas dos pés, etc., três que usam o *site* para se manterem em contacto entre elas sem nunca terem trocado qualquer pedido de ajuda; uma que, ocasionalmente, se anuncia disponível para ajudar quem quer que seja naquilo que for necessário, em qualquer local e a qualquer hora, e que para isso dispõe de uma carrinha de 9 lugares.

Para mim, a questão mais pertinente é: Quem são estas pessoas? o Xavier levantou-se da cama, pareceu-me que o seu corpo, magro e tão alto, bamboleou, como se houvesse vento a soprar no quarto, acendeu outro cigarro e apontou para a janela fechada. Perguntou:

Lá fora, as pessoas ainda são como antes?

As pessoas são sempre as pessoas, respondi-lhe.

Ainda há pessoas que precisam de ajuda?

Toda a gente precisa de ajuda.

Porque é que não pedem?

Não sei. Se calhar, não conhecem o *site*.

Ele deu dois passos curtos e sentou-se ao meu lado na cama. A cara dele apareceu na franja da luz diáfana do candeeiro, os olhos sacudidos por lágrimas que caíam a qualquer

momento. no entanto, quando falou, a voz era firme, como se a tempestade estivesse toda dentro dele.

Tenho medo do que poderá acontecer se alguém pedir ajuda.

Mas não parecia estar com medo. Eu disse:

Pelo menos haverá sempre uma carrinha de 9 lugares.

Ele agitou a mão que segurava o cigarro e o fumo estendeu-se no escuro em todas as direcções. Não se riu.

Temos de escrever a pedir ajuda, disse ele.

Repara: neste momento, eu podia ter-me levantado e saído. Mas ainda assim fiquei – porque tu, no meu lugar, terias ficado – e ouvi a ideia do Xavier.

Ele queria criar uma conta no *site*, uma identidade falsa, e depois escrever a pedir ajuda, qualquer coisa simples, calafetar uma janela, levar o cão ao veterinário, só para ter a certeza de que alguém responderia.

E se aparece mesmo alguém a oferecer ajuda?, perguntei.

Falas com a pessoa e aceitas a ajuda.

Eu?

Tu não precisas de ajuda para nada?

Não.

Acabaste de dizer que toda a gente precisa de ajuda.

Ninguém vai acreditar que eu preciso de ajuda.

Se disseses a verdade, porque não?

Porque é que não pedes tu ajuda?

Eu não posso sair de casa.

Podes pedir que te venham ajudar aqui a casa. Dizes que não podes sair, que precisas que te tragam as compras do supermercado.

A minha mãe traz-me as compras do supermercado.

Pedes outra coisa qualquer. Frangos assados. O jornal. Uma peruca.

Ele ficou calado muito tempo, a mexer os lábios como se estivesse a resolver um cálculo difícil na cabeça. Depois disse:

Se alguém vier ajudar-me, podes cá estar?

Foda-se, Xavier, isso é absurdo.

Não é.

Esquece o *site*.

Eu esqueço. Fazemos isto, só para sabermos se alguém responde. E depois eu esqueço.

Pensei no assunto durante uns segundos. Era uma ideia disparatada e eu não queria fazê-lo. Tu e eu passámos dois terços da nossa vida a satisfazer as vontades mais absurdas daquele cabrão, só por termos medo do que pudesse acontecer caso recusássemos. Mas a verdade é que o Xavier já é crescido para ouvir um «não» de vez em quando.

Está bem, disse-lhe. Eu estou cá quando vierem ajudar-te.

E obriguei-me a recordar aquele instante, a importância daquela promessa.

O Xavier suspirou, como se eu tivesse acabado de lhe salvar a vida.

Eu levantei-me, a cabeça cheia de chumbo. Acontece-me sempre que o visito: entro levado por um alento ingénuo, acredito que vai ser bom vê-lo, que vamos conversar durante horas como quando éramos miúdos, e depois, em poucos minutos, sinto a tristeza que paira no ar do quarto misturada com o fumo e as sombras e só penso em sair dali o mais depressa possível. O Xavier aprendeu a pressentir estes impulsos, como se ali dentro tivesse o poder de ver para lá daquilo que se vê. Disse:

Podes acender a luz.

Eu não respondi. Caminhei até à secretária. Os papéis estavam ordenados em cinco ou seis pilhas: equações escritas à mão, gráficos, números soltos, o costume. Havia uma folha

com uma tabela que ocupava toda a página. Não era uma coisa invulgar naquele quarto, mesmo nas paredes havia tabelas coladas com fita-cola. Mas, repara, o título desta tabela era: ÍNDICE DE FELICIDADE.

O que é isto?

Ele apenas respondeu:

Estatísticas.

Peguei na folha e voltei-a. A tabela continuava do outro lado. Era uma lista de países, 149 países, ordenados pelo Índice Médio de Felicidade. O primeiro da lista era a Costa Rica, o último o Togo. as linhas 127, 128, 129 e 130 da tabela – Bulgária, Burkina Faso, Congo e Costa do Marfim, respectivamente – tinham sido sublinhadas com um marcador verde.

O que é o Índice de Felicidade?, perguntei.

O Xavier deixou-se cair para trás e ficou deitado sobre o edredão, a mão que segurava o cigarro pendurada para fora da cama. Fechou os olhos.

Não é uma estatística muito interessante, uma vez que carece de objectividade, respondeu. Mas é o melhor que temos. Na verdade, baseia-se num questionário com uma única pergunta: Numa escala de 0 a 10, quão satisfeito se sente com a vida no seu todo? Deu uma passa no cigarro. O fumo saiu devagar pelo nariz. Depois acrescentou: Suspeito de que a maior parte das pessoas responde ao questionário levemente, até porque a maior parte das pessoas não percebe nada de felicidade.

Acreditas nisto, Almodôvar? O cabrão do Xavier, o gajo mais infeliz desta cidade, o homem da alma negra, armado em guru da felicidade? Tu sabes: naquele momento, podia ter arrasado o gajo com três ou quatro frases. No entanto, em vez disso, perguntei:

O que é que se passa na Bulgária, no Burkina Faso, no Congo e na Costa do Marfim?

Nesses países o Índice Médio de Felicidade é igual à minha resposta ao questionário.

Tu respondeste ao questionário?

Claro.

Ele continuava deitado na cama, imóvel, o cigarro vertical preso entre os lábios. Abriu os olhos. Depois fechou-os outra vez. Eu fiz a única pergunta que tinha na cabeça:

Porquê?

Porque gosto de quantificar as coisas da vida e do mundo. Tu conheces-me.

Não tens medo daquilo que este valor possa significar?

Tenho mais medo de não conhecer o valor.

...

...

E agora?

E agora o quê?

E agora: o teu grau de satisfação com a vida é 4,4 em 10. O que é que isso quer dizer?

Para ser mais exacto, a minha resposta é: 4,43672. E, entre outras coisas, quer dizer que eu devia mudar-me para a Bulgária ou para o Burkina Faso ou para o Congo ou para a Costa do Marfim.

Porquê?

O Xavier rolou na cama, esticou-se e apagou o cigarro num pires cheio de beatas que estava na mesa-de-cabeceira.

Tenho uma teoria, disse.

Conta.

E, repara, era verdade. Há muito tempo que não sucedia, mas, de repente, naquele momento, eu estava verdadeiramente interessado naquilo que o Xavier tinha para dizer.

Um homem muda-se para o país onde o Índice de Felicidade humano é igual ao seu, começou ele. Encontrando-se rodeado por outras pessoas que são, pelo menos em média, felizes na mesma medida que ele, o homem sentir-se-á mais integrado nessa nova comunidade, mais realizado com aquilo que é. Por outras palavras: mais feliz. Ou seja: o seu Índice de Felicidade humano aumenta, torna-se mais elevado do que o índice médio daquele país e idêntico ao de um outro país qualquer mais acima na tabela. O homem deve então mudar -se para este novo país, nem que seja porque já não se sente tão integrado na população do país onde está. No novo país, o homem volta a sentir-se absolutamente integrado, o que faz aumentar de novo o seu Índice de Felicidade humano, obrigando-o a mudar-se de novo para um país mais acima na tabela. E assim sucessivamente. Por fim, o homem acabará a viver no país no topo da tabela e será tão feliz quanto é fisicamente possível neste planeta.

Existiu um silêncio.

Acreditas nisso?, perguntei por fim.

É uma teoria. Até eu sei que as coisas não são assim tão simples.

Então não te vais mudar para o Burkina Faso?

Provavelmente, não.

Não queres subir na tabela?

Claro que quero. Não é isso que todos queremos? Só que primeiro teria de sair deste quarto. E isso provocaria uma descida imediata no meu Índice de Felicidade humano. Fez uma pausa e olhou para mim. Depois acrescentou: 4,4 já é bastante baixo. Se esse valor cair ainda mais, pode ser perigoso.

Disse aquilo com a voz insuflada de sarcasmo. No entanto, souu como uma constatação matemática universal. Eu disse:

Quero responder ao questionário.

Força, desafiou o Xavier. E acendeu outro cigarro.

Como é que é a pergunta?

Numa escala de 0 a 10, quão satisfeito se sente com a vida no seu todo? Depois acrescentou: Não sejas precipitado a responder, Daniel.

Eu tentei pensar em tudo: a Marta e os miúdos, o meu desemprego, o dinheiro que se acabava, o meu Plano, a minha imagem reflectida no espelho nessa manhã. Por fim, disse: 8.

O Xavier olhou para mim surpreendido. Perguntou:

O que é isso?

A minha resposta. **8,0**.

Eu disse para não te precipitares.

Não me precipitei.

Estiveste calado três minutos e depois disparaste um número que, supostamente, representa o teu grau de satisfação com a vida.

É o meu número.

E, em três minutos, passaste em revista toda a tua existência, contabilizaste tudo, ponderaste todas as variáveis?

Sim. Acho que sim. Quanto tempo é que tu demoraste?

Foda-se, Daniel, eu estou nisto há duas semanas e mesmo assim ainda sinto que não estou a pensar em tudo.

Duas semanas, Xavier? Isto não é um problema de matemática.

Na verdade, até é. Mas, antes disso, é a tua vida. Não podes resolvê-la em três minutos. Repito: a maior parte das pessoas não percebe nada de felicidade.

A tua resposta é 4,4 e eu é que não percebo nada de felicidade.

Estás a interpretar-me mal. Eu não disse que não sentias felicidade. Sentes. Apenas não a percebes.

E tu percebes?

Eu percebo da minha felicidade. É uma equação como outra qualquer que tive de preencher com variáveis e constantes e ponderadores e depois ligar tudo com os sinais certos.

Variáveis? Quais variáveis?

Amigos. Amor. Tempo. Sonhos. Sede. Dores de barriga. Esperança. Inveja. O sabor da comida. Esse género de merdas.

Eu ri-me.

Não podes quantificar isso, disse-lhe.

Se podes quantificar a felicidade, podes muito bem quantificar as saudades que tens de teres oito anos ou o medo de beijares alguém. Claro que algumas dessas variáveis só poderão ser encontradas resolvendo outras equações primeiro. é um sistema, na verdade. É complicado. Mas a vida é complicada, Daniel.

Average Happiness Index

David Machado

Translated from the Portuguese by Rui Vitorino Azevedo

“We did something wrong,” he said.

“What did we do wrong?”

“The site,” he said. “The site isn’t working.”

Can you believe it? The guy was still trying to figure out the site. You weren’t even here about half a year ago and Xavier was still worried about that shitty site. Because you put that into his head. You didn’t shut up about the site for months. It was a foolproof idea. We were going to sell the business a year later with a 10,000% profit. We’d pay off the instalment loans, our children’s education, lead a comfortable lifestyle, the whole film; and we were going to do something good, we were going to help people. I heard you talk about that so many times. I even started to believe it too. It seemed to be a great idea. To be honest, it still seems to me to be a great idea. But the truth is that we put money into it, money that I now need, money that might have stopped you from doing what you did, and we never saw that money again. And Xavier had all that work programming the site, weeks without sleeping, and when it was finally ready nothing happened. Months passed and still nothing happened. He was right: the site wasn’t working. It’s just that, well, for me it stopped being important a long time ago. But almost a year later Xavier was still trying to figure it out.

I didn’t want to have that useless conversation, but I tried to be patient.

“What do you want to do?” I asked him. “We can’t put more money in.”

He closed his laptop monitor a little and his face filled with shadows. He said:

“There are people using the site. The problem is that none of those people need help.”

In short, the problem was this: we created a social network where people who need help and people who are willing to help can meet. During the first 11 months that the site was live, 26 people signed up. Of those 26, there are 14 that never wrote anything, four that write regularly explaining that they need help jerking off, wiping their ass, cutting their toe nails, etc., three that use the site to stay in contact with each other without having ever made any request for help, and one that occasionally announces their availability to help whoever with whatever may be needed, in any place and at any time, and for that reason has a nine seater van.

For me, the most pertinent question is: who are these people? Xavier got up from bed. It looked to me as though his body, thin and so tall, wobbled, as if there were wind blowing in the room. He lit another cigarette and pointed to the closed window. He asked:

“Are people out there the same as before?”

“People are always people,” I replied.

“Are there still people who need help?”

“Everybody needs help.”

“Why don’t they ask for it?”

“I don’t know. Maybe they don’t know the site.”

He took two short steps and sat next to me on the bed. His face appeared in the fringe of the lamp’s diaphanous light, the eyes stained with tears that would fall at any moment. However, the voice was firm when he spoke, as if the storm was all inside of him.

“I’m afraid of what might happen if someone asks for help.”

But he did not seem to be afraid. I said:

“At least there will always be a nine seater van.”

He shook the hand holding the cigarette and the smoke rolled out in the dark in all directions. He didn't laugh.

“We have to write and ask for help”, he said.

Look: at this point, I could have gotten up and left. And yet I stayed – because you, in my position, would have stayed – and I heard Xavier's idea.

He wanted to create an account on the site, a false identity, and then write asking for help, any simple thing, caulk a window, take the dog to the veterinarian, just to be sure that someone would answer.

“And what if someone actually shows up offering help?” I asked.

“You speak to the person and accept the help.”

“Me?”

“Don't you need help with anything?”

“No.”

“You just said that everyone needs help.”

“Nobody is going to believe that I need help.”

“If you say the truth, why not?”

“Why don't you ask for help?”

“I can't leave the house.”

“You can ask them to come and help you here at home. You say that you can't leave, that you need someone to bring you the groceries.”

“My mother brings me the groceries.”

“Ask for something else. Roast chicken. A newspaper. A wig.”

He kept quiet for a long time, moving his lips as if he were solving a difficult maths problem in his head. He then said:

“If someone comes to help me, can you be here?”

“Fuck, Xavier, that's absurd.”

“It isn't.”

“Forget the site.”

“I’ll forget it. We are doing this just to see if someone answers. And then I’ll forget it.”

I thought about it for a few seconds. It was a crazy idea and I didn’t want to do it. You and I have spent two-thirds of our life satisfying that bastard’s most absurd wishes, just because we are afraid of what might happen if we refused. But the truth is that Xavier is already grown and can hear a “no” from time to time.

“Alright,” I told him. “I’ll be here when they come and help you.”

And I forced myself to remember that instant, the importance of that promise.

Xavier sighed, as if I had just saved his life.

I got up with my head full of lead. This happens whenever I visit him: I enter led by an ingenuous courage. I believe that it will be good to see him, that we are going to speak for hours like when we were kids, and then, in a few minutes, I feel the sorrow that persists in the room’s air mixed with the smoke and shadows and I only think about getting out of there as quickly as possible. Xavier learned how to sense these impulses, as if, in there, he had the power to see beyond that which can be seen. He said:

“Can you switch the light on?”

I didn’t answer. I walked up to the desk. The papers were organised into five or six piles: equations written by hand, graphics, random numbers, the usual. There was a sheet with a table that occupied the whole page. It was not an unusual thing in that room as there were even tables taped to the walls. But, look, the title of this table was: HAPPINESS INDEX.

“What is this?”

He only replied:

“Statistics.”

I grabbed the sheet of paper and turned it. The table continued on the other side. It was a list of countries, 149 countries, ordered by the Average Happiness Index. The first on the list was Costa Rica, the last Togo. Lines 127, 128, 129 and 130 of the table – Bulgaria, Burkina Faso, Congo and the Ivory Coast, respectively – had been underlined with a green marker.

“What is the Happiness Index?” I asked.

Xavier let himself fall back and laid on the duvet, with the hand that held the cigarette hanging out of the bed. He closed his eyes.

“It isn’t a very interesting statistic, since it lacks objectivity,” he replied. “But it’s the best we’ve got. In fact, it’s based on a questionnaire with only one question: On a scale from 0 to 10, how satisfied are you with life as a whole?” He took a drag from the cigarette. The smoke came out slowly from his nose. He then added: “I suspect that the majority of people answer the questionnaire in a frivolous manner, since most people don’t understand anything about happiness.”

Do you believe this, Almodôvar? That bastard Xavier, the unhappiest guy in this city, the man with a black soul, acting like a happiness guru? You know: at that moment, I could have devastated the guy with three or four sentences. However, instead of that, I asked him:

“What is going on in Bulgaria, Burkina Faso, Congo and the Ivory Coast?”

“In those countries the Average Happiness Index is the same as my answer to the questionnaire.”

“You answered the questionnaire?”

“Of course.”

He continued lying in bed, motionless, the vertical cigarette stuck between his lips. He opened his eyes. Then closed them again. I asked the only question I had in my head:

“Why?”

“Because I like to quantify things about life and about the world. You know me.”

“Aren’t you afraid of what this value may mean?”

“I’m more afraid of not knowing the value.”

...

...

“And now?”

“And now what?”

“And now: your rank in life satisfaction is 4.4 out of 10. What does that mean?”

“To be more exact, my answer is: 4.43672 and it means, among other things, that I should move to Bulgaria or Burkina Faso or Congo or the Ivory Coast.”

“Why?”

Xavier rolled in bed, stretched and put out the cigarette in a saucer full of cigarette butts on the nightstand.

“I have a theory,” he said.

“Tell me.”

And, look, it was true. It had been a long time since it happened, but, suddenly, at that moment, I was really interested in what Xavier had to say.

“A man moves to a country where the human Happiness Index is equal to his,” he began. “Finding himself surrounded by other people that are, at least on average, happy in the same way that he is, the man will feel more integrated in that new community, and have a greater sense of accomplishment. In other words: happier. That is, his human Happiness Index increases, it becomes higher than the average rate of that

country and identical to that of any other country higher up on the table. The man should then move to this new country, even if it's only because he no longer feels as integrated in the population of the country where he is. In the new country, the man feels absolutely integrated, which makes his human Happiness Index increase again, forcing him to move again to a country higher up on the table. And so on and so forth. Finally, the man will end up living in the country at the top of the table and will be as happy as it is physically possible to be on this planet."

There was silence.

"Do you believe that?" I finally asked.

"It's a theory. Even I know that things are not so simple."

"Then you're not moving to Burkina Faso?"

"Probably not."

"Don't you want to move up on the table?"

"Of course I do. Isn't that what we all want? It's just that first I would have to leave this room. And that would provoke an immediate decrease in my human Happiness Index." He paused and looked at me. He then added: "4.4 is already fairly low. If that value falls even further, it could be dangerous."

He said that with a voice filled with sarcasm. However, it sounded like a universal mathematical fact. I said:

"I want to answer the questionnaire."

"Go for it," Xavier challenged. And he lit another cigarette.

"What's the question again?"

"On a scale from 0 to 10, how satisfied are you with your life as a whole?" He then added: "Don't be too hasty in answering, Daniel."

I tried to think about everything: Marta and the kids, my unemployment, the money that was running out, my Plan, my image reflected in the mirror that morning. Finally, I said: "8".

Xavier looked at me astonished. He asked:

“What is that?”

“My answer. **8.0.**”

“I told you not to rush.”

“I didn’t rush.”

“You were quiet for three minutes and then you picked a random number that, supposedly, represents your level of life satisfaction.”

“It’s my number.”

“And, in those three minutes did you review your entire existence, account for everything, ponder all the variables?”

“Yes. I believe so. How long did it take you?”

“Fuck, Daniel, I’ve been on this for two weeks and I still feel that I’m not thinking about everything.”

“Two weeks, Xavier? This isn’t a maths problem.”

“Actually, it is. But, before we get into that, it’s your life. You can’t solve it in three minutes. I repeat: the majority of people know nothing about happiness.”

“Your answer is 4.4 and I’m the one that doesn’t know anything about happiness?”

“You misunderstood me. I didn’t say that you don’t feel happiness. You do. It’s just that you don’t understand it.”

“And you understand it?”

“I understand my happiness. It’s an equation like any other that I had to fill in with variables and constants and weights, and afterwards I had to connect everything with the right signs.”

“Variables? Which variables?”

“Friends. Love. Time. Dreams. Thirst. Stomach aches. Hope. Envy. The flavour of food. That kind of shit.”

I laughed.

“You cannot quantify that,” I told him.

“If you can quantify happiness, then you can also quantify the nostalgia of being eight-years-old or the fear of kissing someone. It’s clear that some of those variables can only be found by solving other equations first. It’s a system, in fact. It’s complicated. But life is complicated, Daniel.”



EUROPEAN UNION
PRIZE FOR LITERATURE

2015

David Machado – Portugal

Índice Médio de Felicidade

Average Happiness Index

256 pp, 2013

Rights sold to (*Last Update – March 2015*):

Italy: Neri Pozza

Publishing House **Dom Quixote**

Rua Cidade de Córdoba, 2 – 2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. 351 21 427 22 00

www.domquixote.pt

Contact: Maria do Rosário Pedreira – mrpedreira@leya.com

ISBN: 978-9-72-205276-4

EUPL / FEP-FEE – Rue Montoyer, 31 – B-1000 Brussels – T. +32 (0)2 770.11.10

info@euprizeliterature.eu – www.euprizeliterature.eu



Creative
Europe



European and
International
Booksellers
Federation

